

019

O IDÍLIO ENQUANTO METÁFORA NACIONALISTA: A PERSPECTIVA DO OUTRO EM *D. NARCISA DE VILLAR*, DE ANA LUÍZA DE AZEVEDO CASTRO. *Anselmo Peres Alós, Rita Tererezinha Schmidt* (Projeto Deslocamentos da Identidade e da Nação no Romance Brasileiro do Século XIX: vozes desautorizadas / configurações contra-hegemônicas), Instituto de Letras, Depto. de Letras Clássicas e Vernáculas, UFRGS).

Neste trabalho, procura-se rastrear a articulação de um discurso diferenciado, onde a voz da mulher e do índio fazem-se visíveis, em pé de igualdade com a voz colonizador - *locus* enunciativo de todo o projeto indianista. *D. Narcisa de Villar* pode ser visto como um romance onde surge um ponto de vista que vai de encontro aos pressupostos do indianismo brasileiro, em especial àqueles presentes na obra de Alencar. Anterior ao *Iracema: lenda do Ceará* (1865), *D. Narcisa de Villar* (1859) mostra como o silenciamento do índio e da mulher funciona como elemento constitutivo de uma nacionalidade / nação brasileira que é basicamente branca, masculina e eurocêntrica. José de Alencar traz em seu romance a relação entre Iracema e Martim como alegoria da colonização. Iracema é, metaforicamente, a terra desejada pelo colonizador, virgem, fértil e dócil. Ana Luíza de Azevedo Castro faz, do idílio romântico, uma metáfora para representar as estratégias discursivas do colonizador, assim como a perspectiva dos silenciados dentro do projeto indianista (CNPq-PIBIC/UFRGS).